



Carta de Descartes ao Marquês de Newcastle

Egmond-Binnen, 23 novembro 1646¹

Monsenhor,

Os favores que recebo das cartas que Vossa Excelência teve o agrado de me escrever, e as marcas que elas contêm de um espírito que dá mais lustro à sua muito altiva nascença do que dela recebe, me obrigam a estimá-las extremamente; mas parece, além disso, que a fortuna queira mostrar que as situa na ordem dos maiores bens que eu possa possuir, porque as detém pelos caminhos e só permite que eu as receba após ter feito todos os seus esforços para impedi-lo. Tive, assim, a honra de receber uma delas ano passado, que tinha levado quatro meses para chegar de Paris até aqui, & essa que recebo agora é do cinco de Janeiro; mas porque o Senhor de B.² me assegura que vós já fostes advertido de tais delongas, eu não me escuso de não ter respondido antes. E já que as coisas sobre as quais vos aprovastes escrever-me são considerações que somente tocam às ciências, que não dependem das mudanças do tempo e nem da fortuna, espero que agora o que eu poderei responder não vos seja menos agradável de que se o tivésseis recebido há dez meses.

Em tudo subscrevo ao juízo que Vossa Excelência faz dos Químicos, & acredito que eles nada mais fazem que dizer palavras alheias ao uso comum, para darem mostras de saber o que ignoram. Também acredito que o que dizem da ressurreição das flores pelo seu sal nada mais é que uma imaginação sem fundamento, & que seus extratos têm outras virtudes³ que as das plantas de que são tiradas. O que se experimenta bem claramente, uma vez que o vinho, o vinagre & a aguardente, que são três extratos diversos que se pode fazer das mesmas uvas, têm gostos & virtudes tão diversos. Enfim, segundo minha opinião, seu sal, seu enxofre & seu mercúrio não diferem entre si mais do que os quatro Elementos dos Filósofos, nem muito mais do que a água difere do gelo, da espuma & da neve; pois penso que todos os corpos são feitos de uma mesma matéria, & que nada há que produza a diversidade entre eles, senão que as pequenas partes dessa matéria, que compõem alguns, têm outras figuras, ou são diferentemente arranjadas, que aquelas que compõem os outros. O que, espero eu, Vossa Excelência poderá em breve ver explicado assaz longamente em meus Princípios de Filosofia, que serão impressos em francês.

Nada sei de particular no tocante à geração das pedras, senão que as distingo dos metais, nisso que as pequenas partes que compõem os metais são notavelmente mais grossas que as delas; & eu as distingo dos ossos, das madeiras duras & de outras partes dos animais ou dos vegetais, posto que não crescem, como eles, por meio de uma seiva qualquer que flui por pequenos canais em todas as regiões de seus corpos, mas somente pela adição de algumas partes, que a elas se fixam

1 B Let 2346-2352 : 587; AT IV 569-576

2 Nota dos editores franceses Charles Adam e Paul Tannery: — Talvez Boswell, residente do rei da Inglaterra em Haia?

3 N.T: No vocabulário da alquimia, as virtudes de uma substância são suas propriedades particulares, seus poderes específicos.

por fora, ou então se encravam dentro de seus poros. Não me surpreendo, assim, que haja fontes onde se engendram pedregulhos, pois acredito que a água dessas fontes carrega consigo pequenas partes das rochas por onde passa, as quais possuem figuras tais que se fixam facilmente umas às outras quando chegam a se encontrar, & que a água que as conduz, menos viva & menos agitada do que era nas veias dessas rochas, deixa-as cair; & é quase o mesmo que se dá com aquelas que se engendram no corpo dos homens. Também não me surpreendo com a maneira pela qual o tijolo se faz, pois acredito que sua dureza provém de que a ação do fogo, fazendo sair de entre suas partes, não apenas as partes da água, que imagino longas & escorregadias, tais como pequenas enguias, que escorrem nos poros dos outros corpos sem neles se fixarem, e nas quais unicamente consiste a umidade ou a aquosidade desse corpos, como eu disse nos *Meteoros*; mas também todas as outras partes de sua matéria, que não são tão duras & tão firmes; mediante o quê as que permanecem se juntam mais estreitamente umas às outras, & assim fazem com que o tijolo seja mais duro que a argila, embora tenha poros maiores, nos quais entram em seguida outras partes de água ou de ar, que com isso podem torná-lo mais pesado.

Quanto à natureza da prata viva, ainda não fiz todas as experiências de que preciso para conhecê-la exatamente, mas acredito, contudo, poder assegurar que o que a torna tão fluida é que as pequenas partes da qual é composta são tão unidas & tão escorregadias, que não podem de jeito algum se atar umas às outras, & que sendo mais grossas que as da água, não concedem tanta passagem, entre elas, à matéria sutil que denominei segundo elemento, mas apenas àquela que é muito sutil, & que denominei primeiro elemento. É o que me parece bastar para poder dar a razão de todas as suas propriedades que até aqui pude conhecer, pois é a ausência dessa matéria do segundo elemento que a impede de ser transparente & que a torna muito fria; é a atividade do primeiro elemento, com a desproporção que há entre suas partes e as do ar, ou dos outros corpos, que faz com que suas pequenas gotas se realcem mais redondas sobre uma mesa do que as da água; & também é a mesma desproporção que é causa da prata não grudar como a água em nossas mãos, que deu a pensar que ela não é úmida como a água, mas gruda bem no chumbo & no ouro; por isso pode-se dizer que é úmida.

Eu lamento bastante não poder ler o livro do Sr. d'Igby,⁴ por carência de entender o inglês; fiz que algo dele me fosse interpretado; & porque estou inteiramente disposto a obedecer à razão, & por saber que seu espírito é excelente, eu ousaria esperar, se tivesse a honra de discutir com ele, que minhas opiniões se acordariam facilmente com as dele.

Quanto ao entendimento ou ao pensamento que Montaigne e alguns outros atribuem aos bichos, não posso ter a mesma opinião. Não que eu corrobore o que dizem: que os homens têm um império absoluto sobre todos os outros animais; pois confesso que haja alguns mais fortes que nós, & acredito que também possa haver alguns que tenham astúcias naturais, capazes de enganar os mais finos dos homens. Porém, considero que somente nos imitam ou nos ultrapassam naquelas nossas ações que não são conduzidas pelo nosso pensamento; pois amiúde ocorre de andarmos e comermos sem pensarmos de modo algum no que estamos fazendo; & a tal ponto sem usar a razão é que rechaçamos as coisas que nos prejudicam & detemos os golpes que nos aplicam, que mesmo que quiséssemos expressamente não colocar nossas mãos à frente da cabeça no momento em que caímos, não poderíamos nos impedir de fazê-lo. Também acredito que comeríamos,⁵ como

4 N.T: Durante o outono de 1644, Sir Kenelm Digby (1603-1665), diplomata e filósofo inglês, publicara em Paris o livro intitulado *Two Treatises, in the one of which, The Nature of Bodies; in the other, The Nature of Mans Soule, is looked into: in way of discovery, of the Immortality of Reasonable Soules* (Dois Tratados, onde no primeiro a Natureza dos Corpos, no segundo a Natureza da Alma do Homem, é ponderada: de maneira à descoberta da Imortalidade das Almas Racionais).

5 Nota dos editores franceses C. Adam e P. Tannery: Ler: *andariamos?*

os bichos, sem tê-lo aprendido, caso não tivéssemos nenhum pensamento; & daqueles que andam dormindo, dizem que às vezes atravessam rios a nado, quando teriam se afogado se estivessem despertos. Quanto aos movimentos de nossas paixões, embora estejam em nós acompanhados de pensamento, por conta de termos a faculdade de pensar, é contudo muito evidente que não dependem dela, pois dão-se muitas vezes a despeito de nós & podem, por conseguinte, ser encontrados nos bichos, & até mesmo mais violentamente que nos homens, sem que se possa, por isso, concluir que tenham pensamentos.

Enfim, não há nenhuma de nossas ações exteriores que possa assegurar, àqueles que as examinam, que nosso corpo não seja apenas uma máquina que se move por si mesma, mas que nele haja também uma alma que tem pensamentos, com exceção das palavras, ou de outros signos feitos a propósito dos objetos⁶ que se apresentam, sem se reportar a paixão alguma. Digo as palavras ou outros signos, porque os mudos servem-se de signos assim como nós da voz,⁷ & que esses signos sejam apropriados, para excluir o falar dos papagaios, sem excluir o falar dos loucos, que não deixa de ser apropriado aos objetos que se apresentam, embora não siga a razão; & acrescento que essas palavras ou signos não devem reportar-se a nenhuma paixão, para não só excluir os gritos de alegria ou de tristeza, & outros semelhantes, mas também tudo que pode ser ensinado por artifício aos animais, pois caso uma pega⁸ seja ensinada a dizer bom dia à sua dona assim que a ver chegar, isso somente pode ocorrer quando a prolação dessa palavra torna-se o movimento de alguma de suas paixões, a saber, um movimento da esperança que ela tem de comer, caso sempre se tenha tido o costume de lhe dar algum petisco quando ela diz bom dia; & assim, todas as coisas que se manda fazer aos cachorros, aos cavalos & aos macacos nada mais são do que movimentos de seus temores, de suas esperanças ou alegrias, de sorte que podem fazê-las sem nenhum pensamento. Ora, ao que me parece, é muito notável que a palavra, sendo assim definida, só convenha ao homem. Pois ainda que Montaigne⁹ e Charron¹⁰ tenham dito haver maior diferença entre o homem e o homem do que entre o homem e o bicho, jamais encontrou-se, todavia, um bicho tão perfeito que tenha usado algum signo para dar a entender a outros animais algo que não tivesse relação com as paixões destes; & não há nenhum homem tão imperfeito que não use de algum [signo], de sorte que os que são surdos & mudos inventam

6 N.T: O uso que Descartes faz da palavra francesa *sujet* remete ao sentido latino do qual ela deriva: *subiectum* (do verbo *subicio*), ou seja, aquilo que é submetido à consideração, que está sujeito a um exame, e que chamaríamos, hoje, de *objeto*. Como certa literatura crítica observa, não se encontra sujeito de conhecimento, tal como Kant o definia, no mundo cartesiano. Cf. p. ex. a primeira regra do texto de Descartes *Regule ad directionem ingenii*: “*Nam cum scientia omnes nihil aliud sunt quam humana sapientia, quæ semper una et eadem manet, quantumvis differentibus subiectis applicata [...]*”; “Pois como todas as ciências nada são além da sabedoria humana, que é sempre uma e permanece a mesma, por mais diferentes que sejam os objetos a que se aplique [...]

7 N.T: Alusão provável às indagações de Montaigne, em torno do pensamento presente “nos bichos mesmo se não têm voz (...) E por que não? Bem vemos mudos discutirem, argumentarem, contar histórias por signos. Vi uns que eram tão destros, tão bem formados nisso, que em verdade nada lhes faltava e faziam-se compreendidos à perfeição.” (*Ensaio*, II, 12, nossa tradução.)

8 N.T: Ave da família *Corvidae*, que inclui os corvos e as gralhas.

9 N.T: Deveras, no capítulo “Da desigualdade que existe entre nós”, Montaigne afirma: “Há mais distância entre tal e tal homem do que há entre tal homem e tal animal” (*Ensaio*, I, 42, trad. Rosemary Costhek Abílio). Afirmação que remete a Plutarco: “[...] não penso que haja tanta distância de bicho a bicho, como há grande intervalo de homem a homem em matéria de prudência, de discurso, de razão e de memória.” (“Que os bichos usam a razão”, *Obras Morais de Plutarco*, Tomo Quarto, XXIII, p. 387, a partir da tr. fr. de Jacques Amyot).

10 N.T: Em *Da sabedoria*, o filósofo cético Pierre Charron - contemporâneo e leitor de Montaigne - escreve: “[...] é preciso dizer que os bichos raciocinam, fazem uso de discurso e de juízo, porém de maneira mais fraca e imperfeita que o homem. [...] São inferiores aos homens, tal como entre os homens alguns são inferiores aos outros, e tal diferença também se encontra entre os bichos; entretanto, ainda há maior diferença entre os homens, como veremos adiante: há maior distância de homem para homem do que de homem para bicho.” (Charron, *Da Sabedoria*, I, 1, 34, p.160, nossa tradução).

signos particulares, pelos quais expressam seus pensamentos. O que me parece ser um fortíssimo argumento para provar que o que faz com que os bichos não falem como nós é que eles não têm pensamento algum, & não que lhes faltem órgãos. E não se pode dizer que eles falam entre si, mas que nós não os entendemos; pois assim como os cachorros, & alguns outros animais, nos expressam suas paixões, eles também nos expressariam seus pensamentos, caso os tivessem.

Bem sei que os bichos fazem muitas coisas melhor do que nós, mas isso não me surpreende, pois até mesmo serve para provar que agem natural e mecanicamente,¹¹ assim como um relógio, o qual indica as horas bem melhor do que nosso juízo nos ensina. E sem dúvida, quando as andorinhas surgem na primavera, nisso agem como relógios. Tudo o que as moscas de mel¹² fazem é da mesma natureza, & a ordem que os grou mantêm em seus voos, & aquela que os macacos observam ao se golparem, se é verdade que observam alguma, & enfim o instinto de enterrar seus mortos, não é mais estranho que o dos cachorros e dos gatos, que reviram a terra para enterrar seus excrementos, mesmo se quase nunca os enterrem: o que mostra que só o fazem por instinto, & sem pensar. Somente se pode dizer que, embora os bichos não façam nenhuma ação que nos assegure que pensam, todavia, por conta dos órgãos de seus corpos não serem muito diferentes dos nossos, pode-se conjecturar que haja algum pensamento ligado a esses órgãos, tal como experimentamos em nós, ainda que o deles seja muito menos perfeito. A isso nada tenho a responder, senão que, se eles pensassem como nós, teriam uma alma imortal assim como nós; o que não é verossímil, por conta de não haver razão para crê-lo de alguns animais, sem crê-lo de todos; & por existirem muitos demasiadamente imperfeitos para se poder crer isso deles, como é o caso das ostras, das esponjas &c. Mas receio importuná-lo com esses discursos, & todo meu desejo é de vos testemunhar que eu sou &c.

Tradução, introdução e notas: Fabien Pascal Lins e Guilherme Ivo.

Nota

No dia 05 de janeiro de 1646, William Cavendish, marquês de Newcastle, redigira uma carta a René Descartes, cujo conteúdo permanece desconhecido. Temos, contudo, acesso à resposta escrita por Descartes, no dia 23 de novembro de 1646, na correspondência aqui traduzida. Nela, as primeiras considerações “que somente tocam às ciências” referem-se aos “químicos”, à “geração das pedras” e à “natureza da prata viva”. Ao abordar tais temas, é provável que em sua carta Cavendish procurasse traçar um paralelo doutrinal entre a física mecanicista de Kenelm Digby e aquela proposta pelo próprio Descartes. Não podendo responder às reservas emitidas por Digby, posto que, segundo afirma, desconhece a língua inglesa, Descartes se vê levado a abordar questões que ultrapassam o cerne da própria física. No lugar de confrontar seus modos de aplicações dos princípios do mecanicismo àqueles adotados por Digby, Descartes envolve-se, pois, num embate tão amplo quanto polêmico. Na presente carta trata-se, com efeito, de saber em que medida se poderia admitir, ou recusar, a atribuição de uma igual natureza entre a alma humana e a alma animal.

As questões do marquês de Newcastle inauguraram, assim, um debate assíncrono entre Montaigne e Descartes que, no que lhe concerne, nomeará pela primeira e única vez o autor dos Ensaio, manifestando destarte em que medida se opõe à tentativa de seu antecessor em atribuir

11 N.T: Remetendo à teoria mecanicista dos corpos segundo Descartes, usamos o advérbio “mecanicamente” para traduzir a expressão “*remue par ressorts*”, que literalmente significa “movida por molas”. Encontra-se a mesma expressão na tradução francesa da segunda *Meditação* (feita por Duc de Luynes em 1647): “e, entretanto, o que vejo desta janela senão chapéus e casacos que podem estar cobrindo espectros ou homens forjados que se movem apenas por molas [*qui ne se remuent que par ressorts*]?”; ao passo que a versão latina das *Meditações* apresenta o termo *automata*: “*Quid autem video præter pileos & vestes, sub quibus latere possent automata?*” - “Mas o que vejo exceto chapéus & vestimentas, sob as quais podem se esconder autômatos?”

12 N.T: *Mouches à miel*: designação obsoleta, comum no século XVII, para se referir às abelhas.

pensamentos aos bichos.¹³ É plausível que Descartes tenha consultado o capítulo dos Ensaíes intitulado “Apologia de Raymond Sebond”, no qual Montaigne se arriscara, não sem humor, a expor seu enigma bestial: “Quando eu brinco com minha gata, quem sabe se ela se distrai comigo mais do que eu com ela?” E as respostas de Descartes são notórias. Tal como poderá ser lido na correspondência abaixo, o filósofo do Cogito desenvolverá à sua maneira o argumento, já presente em Aristóteles,¹⁴ conforme o qual a linguagem seria um critério distintivo patente: usuais entre os humanos, faltariam “palavras” e “signos” entre as bestas. Assim sendo, em consonância com a denominada tese dos animais-máquinas, outrora exposta na quinta parte do Discurso do Método, os bichos seriam naturalmente movidos “por molas”; seres mecânicos e puramente instintivos, que acham-se, conclui Descartes, desprovidos de pensamento.

Apesar de limitar-se a esta carta ao marquês de Newcastle, a oposição cartesiana às hipóteses de Montaigne acerca da inteligência animal terá, todavia, grande fortuna crítica. Isso se deve, muito provavelmente, ao fato de que põe em contraste duas perspectivas filosóficas de uma atualidade gritante, já que ainda cabem no âmago de múltiplos embates contemporâneos (consciente, inconsciente; identidade, alteridade; direitos dos animais; período antropoceno etc.). Noutras palavras, a presente carta nos parece ter o mérito de evidenciar, nas entrelinhas, duas posturas intelectuais, à primeira vista antinômicas. Por um lado, ressalta os pontos de vista oriundos de uma tradição filosófica e teológico-cristã, costumeiramente designados de especistas, separatistas ou antropocêntricos, e que teriam por hábito fundamentar a exceção humana sobre a razão, a linguagem, as mãos, o rosto virado para o céu, o livre-arbítrio... Por outro, revela os pontos de vista de uma tradição filosófica de herança cética,¹⁵ por muitos apelidada (de bom ou mau grado) de humanista, e desenvolvida posteriormente pelos libertinos eruditos, cujo descentramento antropológico e reconhecimento da inteligência animal levariam, na esteira de Montaigne, a identificar o ato de hierarquização (entre humanos e animais) à própria inumanidade.¹⁶

Revista digital: www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/modernoscontemporaneos



This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License.

-
- 13 O capítulo “Apologia de Raymond Sebond”, nesse sentido, é revelador: “Até os animais despojados de voz têm, entre si, sistemas de troca de serviços que nos dão a pensar que exista, entre eles, um outro meio de comunicação: seus movimentos exprimem raciocínios e expõem ideias.” (Montaigne, *Essais* II, 12, nossa tradução).
- 14 Referimo-nos à muito célebre passagem da *Política*: “É evidente, assim, a razão pela qual o homem é um animal político em grau maior que as abelhas ou todos os outros animais que vivem reunidos. Dizemos, de fato, que a natureza nada faz em vão, e o homem é o único entre todos os animais a possuir o dom da fala.” (Aristóteles, *Política* I, 2, 1253a, tradução de José Oscar de Almeida Marques).
- 15 O debate acerca da inteligência animal já ocupava os cétricos antigos, conforme aponta Sexto Empírico: “Poder-se-ia dizer com verossimilhança que os animais ditos sem razão também têm parte na razão expressa.” (Sexto Empírico, *Hipotiposes Pirrônicas* I, 14, 75, nossa tradução).
- 16 “Os que são sanguinários com os bichos revelam uma natureza propensa à crueldade. [...] A própria natureza, ao meu ver, agrega ao homem certa tendência para a inumanidade [...] e abduco sem dificuldade essa realeza imaginária do homem sobre as demais criaturas. Mas, ainda que tudo isso seja discutível, cumpre-nos ter certo respeito não somente pelos animais, mas também por tudo o que encerra vida e sentimento, inclusive árvores e plantas.” (Montaigne, *Ensaíes*, “Da crueldade”, II, 11, trad. Rosemary Costhek Abílio).